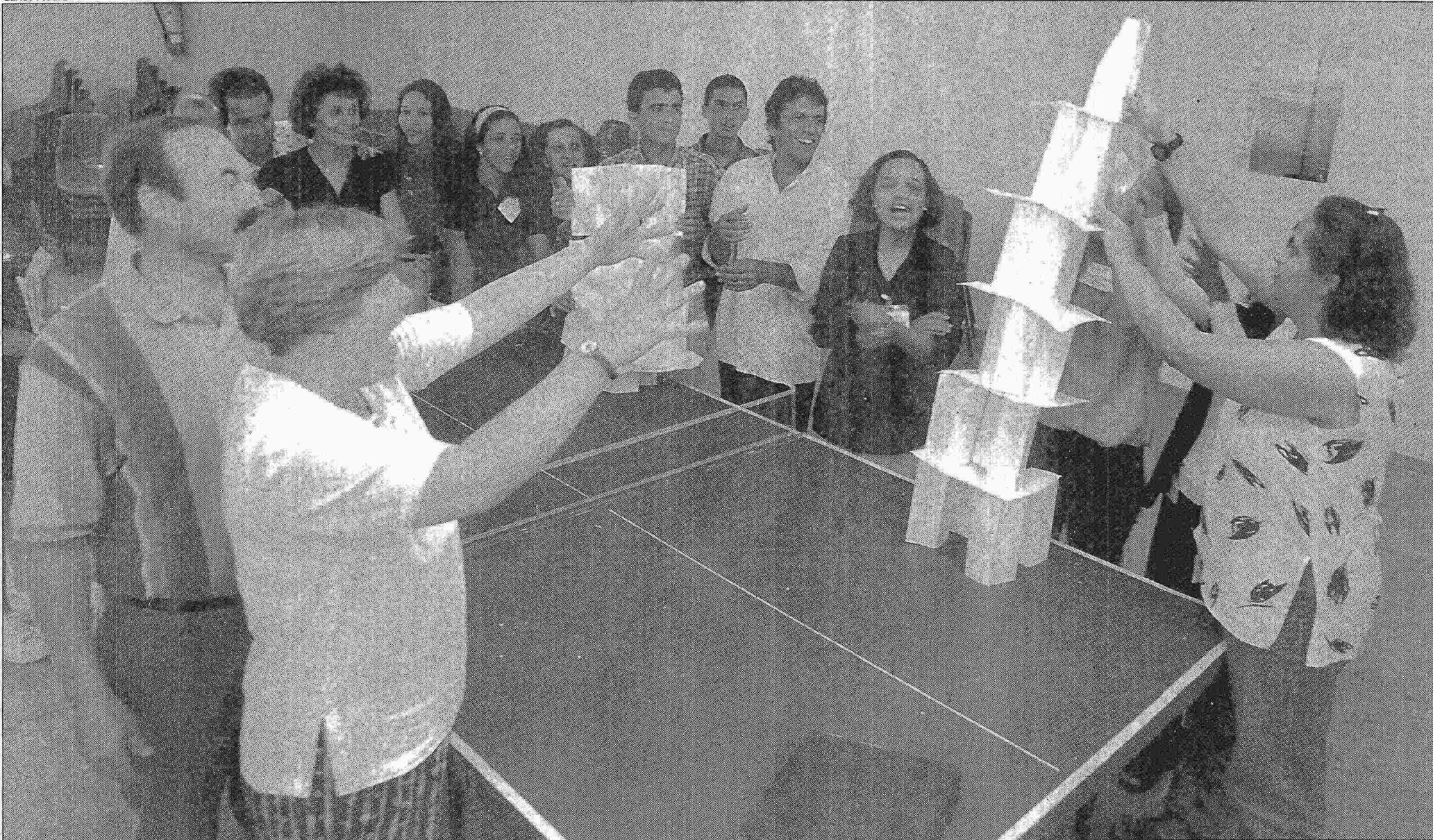


MARINA OLIVEIRA

e-mail: educacao@cbdata.com.br

# EDUCAÇÃO

Carlos Moura



Especialistas norte-americanos treinam professores brasileiros para o ensino de noções de ética: trabalho de montagem de uma torre de papel desperta sentimento de injustiça entre os alunos

## Noções de ética na sala de aula

*Método criado nos EUA utiliza jogos para ensinar o valor de princípios como justiça e integridade. Técnica será usada no Brasil*

Um grupo de vinte pessoas, dividido em núcleos de quatro, recebe uma tarefa simples: construir uma torre com folhas de papel branco. Quem erguer o prédio mais alto e bonito ganha o jogo. Cada time de quatro recebe um envelope com o material e o tempo disponível para a atividade. E logo começa a reclamação.

“Nós recebemos menos papel do que eles”, acusa um grupo. Outro rebate: “Mas nós ganhamos a metade do tempo de vocês para terminar”. O instrutor, com um meio sorriso nos lábios, pergunta: “Qual o problema?”.

A turma responde quase em coro: “As regras desse jogo não são justas”. Nesse ponto, termina a brincadeira e começa a parte séria: a discussão sobre ética. O método *O Caráter Conta* foi desenvolvido nos Estados Unidos em 1992 para ensinar princípios como justiça, confiança, honestidade e integridade para crianças e adolescentes. Hoje, 5,5 milhões de pupilos norte-americanos de escolas públicas e privadas de todo o país aprendem ética pelo método.

Para chegar à definição dos chamados conceitos universais — ensinados sem enfoque religioso, cultural ou político — um grupo composto por muçulmanos, judeus, católicos, protestantes, representantes das comunidades negra, hispânica e asiática, além de grupos gays e feministas reuniu-se e discutiu durante meses. Daí surgiu o currículo do curso.

“Era difícil imaginar que um grupo com visões de mundo tão diferentes pudesse chegar a qualquer espécie de consenso”, recorda Gary Heusel, da Universidade de Nebraska, que trabalha com o método desde sua criação. A educadora e também participante do programa Truda Roper emenda, em seguida: “Isso só foi possível porque famílias de todas as crenças sentiram a necessidade da escola ajudar na formação ética de seus filhos”.

### VALORES

Uma pesquisa realizada em 1996 nos EUA revelou que, independente do grupo étnico ao qual pertenciam, 95% dos entrevistados gostariam que a escola pública ensinasse valores como a honestidade e a importância de dizer sempre a verdade. Segundo Truda Roper, o grande segredo do método que lida com um tema extremamente “sensível” em qualquer sociedade é provocar o debate entre os alunos, sem doutrinar, por meio de atividades concretas — jogos, dinâmicas, brincadeiras.

“Os adolescentes, principalmente, não gostam de sermões e o resultado de uma aula de ética poderia ser negativo”, afirma Truda. Gary Heusel complementa: “Não basta repetir palavras vazias, se a pessoa não sente como esses conceitos são importantes e fazem a diferença em seu próprio cotidiano”.

Por isso, ao invés de falar sobre jus-

tiça, por exemplo, o currículo propõe colocar os alunos em uma situação onde eles se sintam injustiçados. Depois que os pupilos são desarmados pelo jogo, começam a levantar perguntas e argumentos que levam a um debate sobre o princípio da justiça.

Os educadores defendem que a educação ética não substitui ou atropela o papel da família na formação dos jovens. Segundo eles, os pais são os primeiros a levantar as mãos para o céu com a introdução desse tipo de matéria. “A maior parte dos pais hoje em dia não tem tempo para conversar com as crianças sobre princípios”, explica Gary.

Com o crescimento do número de lares onde pai e mãe trabalham fora, os filhos ficam cada vez mais tempo sozinhos, diante da televisão — que repassa um conjunto de valores próprios. O perigo, alertam os norte-americanos, está em delegar completamente ao colégio a tarefa de formar o caráter das crianças.

Truda Roper frisa, enfaticamente, que o objetivo maior da educação ética é iniciar um debate dentro das famílias. Ela cita o próprio exemplo. Seu filho de 10 anos começou a aprender pelo método *O Caráter Conta* há seis meses. Um dia ele atendeu um telefonema de sua avó para Truda. Ela estava ocupada e não queria atender. Pediu, então, que ele dissesse que ela não estava. “Isso não é correto”, observou o menino. “Fiquei tão chocada que atendi o telefone e mais tarde contei ao meu marido. Isso foi o início de um diálogo com as crianças sobre nossas atitudes e o que é certo ou errado”, lembra Truda.

### NOVA ESCOLA

95%

dos norte-americanos gostariam que as escolas públicas ensinassem a honestidade e a importância de se dizer sempre a verdade.

95%

também querem que a rede pública ensine o respeito por pessoas de raças diferentes

93%

esperam que o colégio público ensine os jovens e crianças a resolver seus problemas sem recorrer à violência

### SEMELHANÇA

Timidamente, o método chega ao Brasil. Truda e Gary já estiveram três vezes no país para capacitar professores, pais e líderes comunitários interessados em ensinar ética. Os dois ficaram impressionados com a semelhança entre a sociedade brasileira e a norte-americana. “A estrutura familiar, os problemas nas escolas, tudo é muito parecido”, observa Gary Heusel.

Esta semana treinaram dois grupos de vinte pessoas em Brasília. O mais interessante é que os futuros professores aprendem fazendo, como os alunos. As apostilas que recebem e os jogos desenvolvidos são os mesmos utilizados com as crianças e os adolescentes. “Eles só perceberão a idéia por trás do método experimentando as mesmas sensações que os futuros pupilos terão”, explica Truda Roper.

Jennifer Zupnek, professora de 7ª e 8ª série no Centro de Ensino Granja das Oliveiras — próximo ao Recanto das Emas — diz que o curso

terá grande utilidade em sua escola. “O convívio no ambiente escolar é muito áspero”, acredita ela. “Até entre os professores falta diálogo e princípios comuns para trabalhar melhor em equipe”, conta Jennifer.

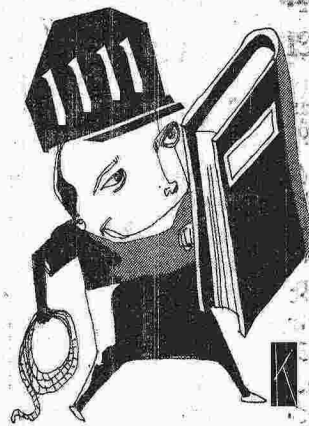
Com o projeto da Escola Candanga do governo do Distrito Federal — que exige que os professores passem cada vez mais tempo juntos planejando as aulas — um bom ambiente entre a equipe de mestres torna-se essencial.

Os norte-americanos receberam, inclusive, uma proposta para voltar à cidade no próximo ano para treinar os lixeiros e carroceiros do Serviço de Limpeza Urbana (SLU). É que muitos garfs costumam tirar lixo de um lugar e depositá-lo em outro, sem perceber que isso acaba com o resultado de seu trabalho.

“A idéia é valorizar o trabalho deles, ensinando alguns princípios éticos, importantíssimos para a cidadania”, explica Joaquim Moura, da organização Companheiros das Américas, que trouxe o curso para Brasília.

### MILAGRE

Alunos de 90 escolas de segundo grau da rede estadual paulista estão descobrindo que química pode ser uma matéria interessante. Eles estão tendo aula com professores especialmente treinados pelo programa Pró-Ciências — financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para melhorar a qualificação de professores de matemática e ciências do 2º grau. Em um ano, o índice de aprovação e presença dos alunos nas aulas aumentou de 20% para 60%.



### SEGURANÇA

Os estudantes de 2º grau ganharão mais uma matéria, em breve. Por sugestão da Federação Nacional dos Técnicos de Segurança do Trabalho, o governo programa a inclusão da matéria Prevenção de Acidentes no currículo do ensino médio. A formação dos técnicos em segurança do trabalho também deverá passar por mudanças para acompanhar os desafios criados pelas novas tecnologias.

### VERGONHA

Estatísticas da Fundação das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Infância (Unicef) humilharam a América Latina na VII Reunião de Cúpula Ibero-Americana de Educação, na última semana, na Venezuela. Somente 48% das crianças do continente concluem os estudos primários. Isso faz com que a América Latina apresente os piores indicadores educacionais de todos os países em desenvolvimento. Na África subsaariana — onde situam-se as nações mais miseráveis daquele continente — esse índice chega a 58%.



### ARTISTAS

Apesar da dureza enfrentada pelas agências financiadoras da pós-graduação depois do ajuste fiscal, a Capes irá manter suas bolsas para jovens artistas que desejam fazer cursos de aperfeiçoamento no exterior. As inscrições estarão abertas de 30 de novembro a 15 de fevereiro. Ao todo serão 50 bolsas, pagando R\$ 1.100 por mês, renováveis pelo prazo de dois anos. O programa oferece ainda ajuda de custo de R\$ 2.200 para passagem aérea e instalação inicial no país.